



Rio de Janeiro: a sede da Olimpíada já deixou promessas de candidatura pelo caminho

O desafio duplo de organizar e ganhar

Será um ano decisivo para o esporte olímpico brasileiro

MARIANA LAJOLO

O Brasil repetirá em 2016 o desafio duplo que enfrentou há dois anos, na Copa do Mundo: organizar um gigantesco evento esportivo e buscar um resultado expressivo em casa.

Se seguir à risca a cartilha do Comitê Olímpico Internacional (COI), o Rio deve fazer uma boa Olimpíada, uma festa em que a beleza local e o calor do público minimizarão falhas de organização. Não foi assim na Copa?

Mas, como no Mundial de futebol, a discussão sobre elefantes brancos e estouro de gastos deve ganhar força em 2016. A sede da Olimpíada já deixou promessas de candidatura pelo caminho, como a limpeza da baía de Guanabara. Os investimentos em mudanças na cidade, que consomem boa parte dos mais de R\$ 38 bilhões despendidos nos Jogos, não contemplarão

transformações significativas em questões cruciais, como favelas e segurança. O alcance real do legado olímpico é uma incógnita.

Outras duas questões podem mudar o cenário até agosto. Os atentados terroristas em Paris acenderam o sinal de alerta para a segurança da competição. As crises política e econômica pelas quais o Brasil passa também podem ter efeitos na reta final da preparação, com corte de gastos.

Os Jogos do Rio devem ser os últimos de uma era de investimentos gigantescos. O COI anunciou neste ano a Agenda 2020, com orientações e normas para tornar a competição sustentável e menos custosa. A medida foi tomada graças à debandada de candidaturas de países democráticos que não queriam assumir os custos exorbitantes da aventura olímpica.

Herança

Cenário bem montado, será a hora de os atletas brilharem. E aí a herança da Copa não é positiva. O 7 a 1 colocou ainda mais pressão nos ombros dos competidores.

O COB (Comitê Olímpico Brasileiro) tem como meta chegar a 27 pódios e figurar no top 10 geral. Parece muito se comparado a Londres-2012, quando o Brasil ganhou 17 medalhas. Mas todo país-sede cresce em casa: historicamente, a média é de 13 pódios.

O Brasil tem condições de atingir tal patamar. Para tanto, precisa das conquistas certas de seus favoritos e torcer por modalidades menos habituais a conquistas.

Os últimos anos mostram uma conta apertada. Em 2013, o país ganhou 30 medalhas em mundiais ou equivalentes. Em 2014, foram 24. Em 2015, devem ser ainda menos.

Algumas modalidades essenciais para a meta não foram bem em 2015. O judô, por exemplo, saiu do Mundial com apenas dois bronzes, pior resultado em seis anos. O vôlei masculino não chegou nem à semifinal da Liga Mundial. Por outro

lado, o vôlei de praia ganhou cinco das seis medalhas possíveis no Mundial.

O primeiro semestre será crucial para que atletas e confederações corrijam rumos enquanto a delegação é formada. Há tempo. Será necessária também atenção especial à cabeça dos atletas. Contar com o apoio da torcida em casa pode até ser um trunfo, mas a pressão também nunca foi tão grande.

Será um ano decisivo para o esporte olímpico brasileiro. Um resultado ruim nos Jogos deve piorar o que já se espera após a Paraolimpíada, em setembro: corte pesado de investimentos e fim de projetos importantes. Um sucesso retumbante, porém, pode amenizar o baque.

27

É o número

de pódios de atletas brasileiros esperado pelo COB na Olimpíada do Rio

Marcelo Camargo/Agência Brasil

A velha busca da medalha inédita

Em 2015, a seleção foi perfeita em partidas amistosas, mas sofreu nos jogos que realmente valiam. Mau presságio?

MARCEL RIZZO

Ainda sob a sombra da goleada por 7 a 1 que levou da Alemanha na semifinal da Copa do Mundo de 2014, a seleção brasileira vai ter um calendário cheio e complicado em 2016. As eliminatórias para a Copa-2018, na Rússia, seguem. O Brasil é o terceiro no torneio, com sete pontos – desempenho avaliado como positivo pela CBF.

O grande objetivo do time em 2016, porém, é mesmo conquistar a inédita medalha de ouro, na Olimpíada do Rio.

O ano da seleção começa em março, contra o Uruguai, no Recife. Na sequência, uma viagem ao Paraguai pode firmar o time em uma das quatro primeiras colocações das eliminatórias –os quatro primeiros garantem vaga direta na Copa. O quinto vai a uma repescagem.

Em junho, haverá a Copa América do Centenário, nos EUA, para a qual o Brasil vai com força máxima. Só dois meses mais tarde é que o técnico Dunga deve comandar um time formado na maioria por atletas até 23 anos, conforme manda a regra nos Jogos Olímpicos.

Salvo imprevistos, Neymar é nome garantido na lista de convocados. Em 2015, a seleção foi perfeita em partidas amistosas, mas sofreu nos jogos que valiam.

Mau presságio?

O primeiro torneio oficial depois do fracasso no Mundial, a Copa América do Chile, em junho, terminou de forma melancólica, com eliminação nas quartas de final diante do Paraguai e com a suspensão de Neymar, após briga com um árbitro.

Sem o atacante, o time de Dunga oscilou. Perdeu para o Chile por 2 a 0, em outubro, nas eliminatórias. Mas a vitória sobre a Venezuela, 3 a 1, ainda sem o craque, amenizou a pressão sobre o treinador. Já com o camisa 10 de volta, o time empatou com a Argentina, fora de casa, e bateu o Peru, em Salvador.



Salvo imprevistos, Neymar é nome garantido na lista de convocados da Seleção para primeiro jogo deste ano, em março, contra o Uruguai, no Recife